



## Por que Jacó teria escolhido o símbolo de um “monstro” para descrever a morte e o inferno?

*Oh! Quão grande é a bondade de nosso Deus, que prepara um caminho para nossa fuga das garras desse terrível monstro, sim, aquele monstro, morte e inferno, que eu chamo morte do corpo e também morte do espírito.*

*2 Néfi 9:10*

### O conhecimento

Jacó, o irmão mais novo de Néfi, em seu discurso épico registrado em 2 Néfi capítulos 6 a 10, usou alguns símbolos poderosos para descrever os obstáculos formidáveis que os mortais enfrentam em seu caminho para a vida eterna. Em 2 Néfi 9:10, 19 e 26, ele usa repetidamente a imagem de um “terrível monstro” para se referir à morte e ao inferno, ou mais diretamente, à morte do corpo e à morte espiritual.

recitou um simbolismo semelhante ao usado por Isaías para representar a vitória de Deus sobre “Raabe”, o “dragão”, e o Mar Vermelho, “as águas do grande abismo”, a fim de demonstrar o poder do Senhor para redimir seu povo, encontrado em Isaías 51:9-10 (2 Néfi 8:9-10).

Embora o uso do termo “monstro” não seja comum na Bíblia, Daniel Belnap, professor de escrita antiga da BYU, declarou: “A personificação da morte como uma entidade monstruosa não é exclusiva do Livro de Mórmon, mas é encontrada em toda a Bíblia”. Jacó



Isaías usa termos semelhantes em outras passagens para retratar da mesma forma o futuro triunfo de Jeová ao libertar Israel das forças do mal. Isaías 27:1 diz:

Naquele dia o Senhor castigará com a sua espada dura, grande e forte o leviatã, aquela serpente fugidã, e o leviatã, aquela serpente tortuosa, e matará o dragão, que está no mar.

Outro exemplo marcante está em Salmos 89:8–10:

Ó Senhor, Deus dos Exércitos, quem é forte como tu, Senhor, com a tua fidelidade em redor de ti? Tu dominas o ímpeto do mar; quando as suas ondas se levantam, tu as fazes aquietar. Tu quebraste Raabe como se fora ferida de morte; espalhaste os teus inimigos com o teu braço forte.

No Salmo 18, o salmista compara as “[t]ristezas de morte” do inferno a se afogar em “muitas águas”. Ele diz que somente o Senhor pode salvá-lo.



Tristezas de morte me cercaram, e torrentes de impiedade me assombraram. Tristezas do inferno me cingiram, laços de morte me surpreenderam. Na angústia invoquei ao Senhor, e clamei ao meu Deus; desde o seu templo ouviu a minha voz, aos seus ouvidos chegou o meu clamor perante a sua face. [...] Estendeu a mão desde o alto, e me tomou; tirou-me das muitas águas (Salmo 18:4-6, 16).

A palavra do Senhor registrada em Oséias 13:14, um dos primeiros textos israelitas, se aproxima da linguagem que Jacó usou em relação ao que o “terrível monstro” representa:

Eu, pois, os remirei da violência do inferno, e os resgatarei da morte (Heb. “inferno”) Onde estão, ó morte, as tuas pestes? Onde está, ó inferno, a tua perdição? [...]



Esses símbolos de Raabe, o dragão (marinho), Leviatã (monstro marinho), as ondas furiosas do mar e outros símbolos semelhantes são encontrados não apenas no Velho Testamento, mas também em toda a literatura antiga do Oriente Próximo. Juntos, todos simbolizam os poderes do caos, ou as forças que colocam em risco a vida dos seres mortais, e são personificações ou símbolos da morte e do inferno.

Uma versão de um antigo mito do Oriente Próximo de um combate divino conhecido como o Ciclo de Baal cananeu (ou ciclo canônico), registrado em tábuas encontradas em Ugarite (agora Ras Shamra, na Síria),

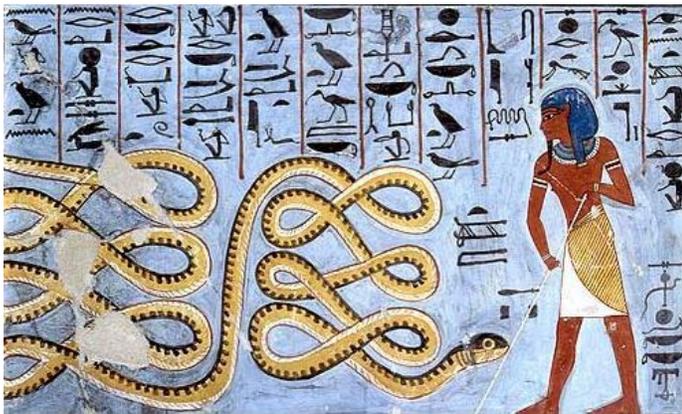
retrata o Mot (morte) e Yam (mar) como os demônios inimigos de Baal, o rei dos deuses. Embora em um ponto da história Baal seja engolido pela morte, sua vitória final sobre a morte e o mar assegura seu reinado como rei.

Por fim, também é possível observar que há paralelos mesoamericanos com a ideia de um “monstro do caos”. John Sorenson elaborou sobre esse fato, em que os antigos mitos maias e astecas retratam “um monstro e as águas nas quais ele existia” que “simbolizavam o caos”. Ele observou que a “criatura monstruosa havia sido combatida, derrotada e domada por uma divindade benéfica quando a terra foi criada”. Sorenson comparou esse “monstro terrestre” mesoamericano ao simbolismo semelhante encontrado no antigo Oriente Próximo.

## O porquê

Então, por que Jacó escolheu um “monstro” como símbolo da morte e do inferno, e por que é importante que os leitores modernos o contemplem?

Contextualmente, Jacó sabia que as pessoas em seu público imediato entenderiam essa analogia porque era um simbolismo comum entre os israelitas e na antiga cultura do Oriente Próximo, de onde a família de Leí havia vindo pouco tempo antes.



Culturalmente, é notável que simbolismos semelhantes também sejam encontrados na Mesoamérica. O uso generalizado desse simbolismo no Velho e no Novo Mundo enfatiza um ponto de continuidade entre as imagens usadas pelos profetas bíblicos, como Isaías e Oséias, e o novo cenário do povo de Leí em sua Terra da Promissão.

Normalmente, com o passar do tempo, o uso desses simbolismos em várias civilizações tende a aumentar e diminuir sua popularidade. Tendo sobrevivido em sua infância, às impressionantes torrentes furiosas das “grandes profundezas”, Jacó teria sido emocionalmente atraído pela inquietante ameaça de caos, destruição e morte. Embora em algum momento comum, esses símbolos parecem ter desaparecido à medida os nefitas se estabeleciam em sua nova terra, pois essa linguagem não reaparece no Livro de Mórmon.



De modo distintos, embora incomum na Bíblia e na antiguidade, o que é único sobre o uso desse simbolismo no Livro de Mórmon é a clareza com que Jacó explica como esses símbolos se aplicam à experiência humana mortal. Jacó não deixa dúvidas quando enfatiza o significado da analogia, explicando que esses símbolos representavam a morte física e espiritual — dois obstáculos universais que cada pessoa deve enfrentar e superar no caminho para a vida eterna. Além disso, Jacó passou a considerar o monstro como equivalente ao diabo e ao tormento sem fim dos ímpios (2 Néfi 9:19).

Com gratidão e otimismo, Jacó também descreve a realidade da vitória de Jeová sobre o monstro. Ele exclamou: “Oh! Quão grande é a misericórdia de nosso Deus, o Santo de Israel! Porque liberta seus santos”, por meio da expiação e ressurreição, libertando a humanidade do poder da morte e do inferno, tornando possível a todos superar essas barreiras desastrosas.

Essa compreensão de como Jacó usou o simbolismo do “monstro do caos” aumenta a credibilidade da doutrina e historicidade do Livro de Mórmon. Os leitores modernos podem apreciar esta poderosa representação da maneira como Cristo, nosso Redentor e Salvador, nos ajuda a conquistar e superar nossos maiores desafios e todos os obstáculos à nossa salvação eterna.

também idem., *An Ancient American Setting for the Book of Mormon* (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1985), p. 187–188.

## Leitura complementar

Allan D. Rau, “Cheer Up Your Hearts: Jacob’s Message of Hope in Christ”, *Religious Educator* 14 no. 3 (2013): pp. 49–63.

Daniel Belnap, “‘I Will Contend with Them That Contendeth with Thee’: The Divine Warrior in Jacob’s Speech of 2 Nephi 6–10”, *Journal of the Book of Mormon and Restoration Scripture* 17, no. 1–2 (2008): pp. 20–39.

David E. Bokovoy and John A. Tvedtnes, *Testaments: Links between the Book of Mormon and the Hebrew Bible* (Tooele, UT: Heritage Press, 2003), pp. 79–87.

Alonzo L. Gaskill, *The Lost Language of Symbolism* (Salt Lake City: Deseret Book, 2003).

Donald W. Parry, Jay A. Parry e Tina M. Peterson, *Understanding Isaiah* (Salt Lake City: Deseret Book, 1998), pp. 241, 453–54.

Robert L. Millet, “Redemption through the Holy Messiah (2 Nephi 6–10)”, in *Studies in Scripture*, vol. 7: 1 Nephi to Alma 29, ed. Kent P. Jackson (Salt Lake City: Deseret Book, 1987), p. 119.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

## Notas de rodapé

1. Daniel Belnap, “‘I Will Contend with Them That Contendeth with Thee’: The Divine Warrior in Jacob’s Speech of 2 Nephi 6–10”, *Journal of the Book of Mormon and Restoration Scripture* 17/1–2 (2008): p. 30.
2. Othmar Keel, *The Symbolism of the Biblical World: Ancient Near Eastern Iconography and the Book of Psalms* (London: SPCK, 1972), pp. 47–75.
3. Ver Belnap, “‘I Will Contend’”, pp. 30–31. Também David E. Bokovoy e John A. Tvedtnes, *Testaments: Links between the Book of Mormon and the Hebrew Bible* (Tooele, UT: Heritage Press, 2003), pp. 79–87; traduções em inglês das tábuas de Ugarit podem ser encontradas em Simon B. Parker, ed., *Ugaritic Narrative Poetry* (Atlanta: Scholars Press, 1994).
4. John L. Sorenson, *Mormon’s Codex: An Ancient American Book* (Salt Lake City: Deseret Book and NAMI, 2013), pp. 455–458. Ver